



O Chiado a zéro

A Brasileira é o termómetro do Chiado.
Marca alguns graus negativos.

A sua febre constituída pela sua crítica, pela sua blague, pelas mulheres que fazem d'ele o seu campo de devastação, pela sua má língua, decresceu.

A Rua Garrett que costumava ter temperaturas altas todas as tardes, arrefeceu.

A porta da Brasileira que é o «placard» do Chiado, não dá notícias.

Está vazia, nada nos diz.



De resto, contribuiu para este deplorável estado de coisas, a Revolução do 28 de Maio, mal aceite pelos lisboetas, que não perdoaram um movimento feito fóra de Lisboa e ainda a quadra do ano que atravessamos.

O Chiado faz as malas e vae para fóra.

A Havanêsa, velha tia, reliquia antiga, com o seu belo aspecto de senhora de idade de quem se murmuram pecados doutros tempos, prepara-se para ir até aos Cucos tratar do reumático.

A Bertrand, uma vermelhaça quarentona, toda

«maquillée», com o seu ar de intelectual, prepara as malas, mete-lhe dentro quatro ou cinco volumes «vient de paraitre» e vae para Aljustrel matar saudades do Sr. Brito Camacho; d'hi seguirá com bilhete de banhos para todas as termas do paiz.

A Marques, que toma banho em «Spleen», e que se diz «blasée», heraldiricamente, desprendidamente, deixa fugir um «não sabe ainda para onde vae»; ira até Vichy, talvez, a Mont Dore, S. Sebastian, no final hão de ficar todos muito comprometidos quando se encontrarem na Granja.

A Brasileira? a Brasileira sempre bohemia, es-turdia, que vive do acaso, d'um dito, duma gargalhada, que não tem dinheiro para uma terceira classe, não vai para parte alguma; fica em Lisboa, bem vigilante, em sessão permanente, não vá na ausencia o «Café Chiado» abrir as suas portas.

O resto que no Chiado existe é paysagem.

O Poeta Chiado

«The right man in the right place...»

O poeta Chiado que ali vemos no tópo da



A REVISTA

R. Garrett, ele, o poeta e frade, brigão e chocarreiro, está condenado por seculos, a rir, a rir satanicamente, um riso voltairiano, que desmancha e que doe.

E' o seu suplicio. O Chiado que tanto riu e que fez da vida uma chocarrisse constante, foi afinal condenado pelos seus vindouros a uma gargalhada perpetua. A uma gargalhada de bronze.

Mas está bem. Está certo.

Apesar da enorme baralha e da celeuma levantada a quando da inauguração da estatua, para mim, o monumento a Antonio Ribeiro Chiado, foi a ideia mais feliz destes ultimos tempos.

Ele ali está, no tópo da Rua Garrett, ele ali está vendo todos os que passam.

No seu riso que é terrível, no seu olhar que atravessa, na sua bocarra que é um insulto, no seu gesto que é uma provocação, no seu todo que é uma troca, atira-nos ás bochechas todos os nossos ridiculos, todas as nossas misérias, e continuamente n'uma gargalhada sarcastica, fina como um estilete d'aço bem temperado, ele vae-nos escarpelizando, recortando todo o ridiculo da nossa geração, tendo para todos uma chocarrice.

A gargalhada do poeta Chiado é a autopsia da nossa epoca.

Marcaram-lhe a gargalhada no bronze, ela nunca mais se apaga.

Ele lá está no tópo da R. Garrett.

«The right man in the right place...»

Dois Portugueses

O lisboeta delira com a taboleta e com o anuncio.

O «placard» é um vicio.

Expõem-se nas montras as mais complicadas creações de Sua Majestade a Móda: um bizarro modelo da Paquin por exemplo, os mais belos objectos d'Arte, os mais caprichosos artigos que se imaginem para chamar atenção, e ninguém n'eles repara.

O lisboeta passa, olha, não vê, e imperturbavel, senhoril, segue o seu caminho na directriz fixa que marcou.

Ponha-se contudo á porta d'uma tabacaria uma gravura colorida representando um faia que coseu a amante com facadas, um réclame a umas aguas medicinaes ou afixe-se n'um «placard» a noticia de que o Sr. Struychen delegado da Holanda na Sociedade das Nações passeia nas ruas de Genebra e o lisboeta estaca, empurra os outros, estende a cabeça, poem-se em bicos de pé para lêr, e irrita-se se não consegue soletrar as letras negras que o tentam desenhadas no fundo branco da taboleta.

O que a este respeito se tem feito é fantastico.

Publica-se em Lisboa um jornal ilustrado que sae aos domingos, ou por outra: aos sabados, jornal de grande tiragem. de quem o lisboeta gosta.

A' porta da «Americana» do Chiado fomos encontrar o seu ultimo numero, que na primeira pa-

gina, uma pagina berrante, uma pagina cartaz, a pagina que fez a venda, publicava uma extranha gravura.

Essa estampa era um formidavel ataque a todos os censos de população que se teem feito.

Os censos estão todos errados.

Essa primeira pagina reproduzia a esplendida figura d'um oficial de cavalaria o Sr. Tenente Ivens Ferraz e a cabeça bem lançada e vigorosa d'um cavalo de raça.

Lia-se em caracteres negros, n'aqueles caracteres que chamam por nós, o seguinte :



«Dois bons portugueses.»

«O cavalo «Roussi» e o tenente Ivens Ferraz vencedores do concurso Hípico.»

Dois bons portugueses ?

Um vejo eu, o Sr. Ivens Ferraz, mas o outro, o segundo ?

O outro bom português será o cavalo ?

Se assim for, os nossos censos estão errados, pois não foram recenseados todos os burros e cavalos que por ahi andam.

Portugal tem mais de seis milhões de portugueses, temos, de acrescentar a este numero os cavalos.

Teria razão o Sr. Homem Cristo Pae, quando no Parlamento em discussão viva com Sr. Leonardo Coimbra afirmava que Portugal é um paiz de burros?

JOAQUIM DE VASCONCELLOS GUIMARÃES